

O Drury

por Álvaro Chaves Rosa

1. Introdução.

Há cerca de 25 anos, Jean-Marc Roudinesco escrevia, referindo-se ao Drury, que esta convenção tinha brotado do cérebro do americano Douglas Drury "num estado de perfeição que vos proíbe de a modificar". Palavras encomiásticas, que no entanto se revelaram pouco proféticas, pois a verdade é que a esmagadora maioria dos jogadores que actualmente utilizam o Drury o fazem numa versão diferente da original.

O que é incontestável é que se trata de uma convenção extremamente popular entre os jogadores de competição. Em certa medida, pode dizer-se que é uma convenção *necessária*, como mecanismo de controle da força de uma abertura efectuada em naipe maior em terceira ou quarta posição.

É sabido que os critérios de abertura em terceira ou quarta posição não são os mesmos que os aplicáveis em primeira ou segunda posição. Sobre esta temática muito haveria a dizer, mas não é esse o objectivo deste artigo. Em todo o caso, não quero deixar escapar a oportunidade de recomendar um livro *essencial* nesta matéria, que é o "*Passed Hand Bidding*" do bem conhecido Mike Lawrence.

Todos os jogadores de competição sabem que uma abertura em terceira posição ao nível um em naipe maior pode, por razões táticas, ser feita com "menos do que uma abertura". E, embora com diferentes considerandos e com condições mais restritas de aplicação, o mesmo se passa em quarta posição.

Já tenho ouvido jogadores comentarem que "em equipas não abrem fraco". Por mim, devo dizer que discordo. É certo que em torneio de pares poderemos por vezes sucumbir à tentação de excessos que em torneio de equipas nem nos passariam pela cabeça. Mas, em qualquer das modalidades, uma certa agressividade - devidamente controlada pelas condições de vulnerabilidade - é não só desejável como *necessária*. Em muitos casos, *não actuar* significa deixar o campo livre para o adversário marcar tranquilamente um parcial, para no *post-mortem* descobrir que na outra sala os nossos parceiros de equipa nem entraram no leilão - impedidos por uma abertura agressiva, é certo, mas na verdade quase *obrigatória* no bridge competitivo moderno.

Assumindo então a possibilidade de uma abertura em maior, face a mão passada, poder ser "fraca", é fundamental a parceria dispor de algum mecanismo que permita, no seguimento do leilão, distinguir uma abertura "verdadeira" de uma "sub-abertura" – e

isto sem colocar o leilão a um nível alto demais. Foi em resposta a esta necessidade que surgiu a convenção Drury.

2. O original e as variações.

Na sua versão original, a convenção consistia na utilização da resposta de 2♣, por uma mão passada, a uma abertura em naipe maior, para mostrar uma *mão balançada de 10-12 pontos*. Esta voz pedia esclarecimento da força de abertura: com uma abertura mínima ou sub-mínima, o abridor anunciava artificialmente 2♦; qualquer outro rebide era natural e descritivo e mostrava uma abertura "verdadeira" (em particular a remarcação do maior, mostrando 6 ou mais cartas).

Repare-se que a voz de 2♣ *não prometia fit* no maior do abridor, podendo ser dada com 2 cartas no naipe. (Isto não invalidava que, quando o abridor rebidasse 2♦, o contrato final fosse geralmente ao nível 2 no maior de abertura).

Uma primeira variação consistiu precisamente em desfazer esta ambiguidade quanto à existência de fit, obrigando-se a voz de 2♣ Drury a prometer pelo menos 3 cartas no maior do abridor. Esta variação (por vezes designada por "Drury-fit") é adoptada actualmente pela grande maioria dos adeptos da convenção (muitos dos quais, estou convencido, nem sequer chegaram a conhecer a versão original da mesma).

Uma segunda variação diz respeito à voz utilizada pelo abridor para mostrar uma mão (sub-)mínima. Dentro do contexto do Drury-fit, é mais natural utilizar para esse fim a *remarcação simples do naipe de abertura*. Esta forma "invertida", designada na literatura anglófona por "reverse Drury", é também hoje em dia maioritária entre os adeptos da convenção.

Concretizando ideias, podemos delinear as características do Drury "moderno" da seguinte forma:

- A voz de 2♣ em resposta a uma abertura de 1♥ ou 1♠ feita em terceira ou 4ª posição mostra um fit de 3 ou mais cartas no maior de abertura e uma força de *convite a partida*.
- A remarcação pelo abridor do seu naipe ao nível 2 é uma voz *negativa*, mostrando uma sub-abertura (ou, quando muito, com uma abertura de tal modo *mínima* que não encare a possibilidade de partida face a uma mão passada).
- Outras vozes do abridor mostram valores normais de abertura. (Sobre o significado das mesmas se falará mais adiante).

3. Problemas do Drury.

A adopção do Drury não vem isenta de custos. Ao prescindir-se da voz natural de 2♣ fica-se sem maneira de anunciar uma mão longa a ♣ na casa dos 9-11 pontos. Como dar a volta a este problema?

A solução originalmente proposta consistia em *ampliar* o leque de possibilidades da voz de 2♣: *ou* era a mão de Drury "normal", *ou* era um unicolor a ♣, que se revelaria na volta seguinte do leilão pela marcação de 3♣.

É fácil compreender que esta ambiguidade, ainda mais indesejável do que a referente ao grau de fit (2 ou mais de 2 cartas) no maior do abridor, não tenha sobrevivido no processo evolutivo da "espécie" Drury.

Uma solução possível é reservar a resposta directa de 3♣ para mostrar naturalmente um unicolor do tipo referido. Bem entendido, esta solução não é ideal, não só porque obriga imediatamente a jogar ao nível 3, mas também porque impede a utilização de 3♣ como uma possível voz de fit (assunto a que voltaremos adiante).

Uma outra solução, que, embora também imperfeita, é a que prefiro e na prática adopto, enquadra-se no contexto do "1ST forcing".

Para esclarecer melhor este ponto, esqueçamos por instantes a temática da "mão passada". Quem utiliza o "2 sobre 1 forcing de partida" (a 100%) já está habituado ao problema de não ter possibilidade de anunciar naturalmente um unicolor de força limite (à volta dos 10-11 pontos) sobre uma abertura em maior. Por exemplo, com ♠2 ♥D84 ♦V53 ♣AR10874, sobre abertura em 1♠, se não podemos anunciar 2♣ seguido de 3♣, por essa sequência ser forcing de partida, temos de contentar-nos com dar 1ST (forcing) e na volta seguinte dar 3♣.

Retomemos a situação da mão passada. Como é sabido, nesta situação já não se deve falar em "1ST forcing", mas apenas em 1ST "semi-forcing". Estando o respondente limitado pelo seu passe inicial, o abridor pode e deve passar a uma resposta de 1ST quando a sua mão assim o indicar (e em particular com uma mão sub-mínima, ou mínima de tipo equilibrado).

De qualquer modo, uma solução possível para tratar um unicolor a ♣ que, por impedimento do Drury, não dispõe de anúncio natural em 2♣, consiste em começar por dar 1ST. Se o abridor passar, poderemos não estar no contrato ideal, mas em contrapartida estamos a jogar ao nível um. Se o abridor não passar, poderemos anunciar 3♣ na volta seguinte.

A utilização do Drury-fit combina bem com a do 1ST semi-forcing. Com uma mão equilibrada de 10-12 pontos: com 3 ou mais cartas no maior de abertura, usa-se o 2♣ Drury; com apenas 2 cartas, dá-se tranquilamente 1ST - sabendo que se o abridor passar não havia partida a jogar. Quem não utilize o 1ST semi-forcing deverá talvez optar por manter o Drury na sua versão original, para abranger as mãos do último tipo referido. O que em todo o caso se deve evitar, desde que o sistema admita abrir fraco em 3ª posição (ou 4ª), é ter de saltar para 2ST para mostrar de imediato a força da mão, pois isso pode frequentemente colocar o contrato a um nível alto demais.

4. Desenvolvimentos do Drury.

Quando o abridor tem uma abertura "verdadeira", como deve responder à voz de 2♣ do parceiro?

Quando a força da mão for a necessária e suficiente para aceitar o convite a partida, não deve estar com "conversas" inúteis, mas sim concluir com um salto para partida, sem dar indicações adicionais ao adversário.

Se tiver uma mão mais duvidosa quanto à aceitação da partida (ou, mais raramente, quanto à *denominação* da mesma, quando a estrutura da mão sugira a possibilidade de jogar em sem trunfo), poderá fazer uso de "vozes de ensaio" ("*trial bids*"). Há diferentes tipos de vozes de ensaio, não cabe aqui analisar os prós e os contras dos vários tipos. O importante é estabelecer que elas devem ter *o mesmo significado* que teriam numa sequência de apoio simples da abertura – isto embora a voz de 2♣ já tenha mostrado força *superior* à de um apoio simples.

Um caso particular é o da voz de 2♦, a qual pode ser usada *artificialmente* para mostrar uma mão que, embora com abertura, não tem certeza de dever marcar partida. Sobre esta voz, o respondente concluirá em dois no naipe de trunfo com um Drury *mínimo*, caso contrário poderá por seu lado utilizar também uma voz de ensaio, para averiguar da boa ou má combinação das duas mãos.

Com mãos *muito fortes*, que encarem a possibilidade de cheleme, o abridor poderá, conforme for mais adequado: começar por uma voz de ensaio e (excepto se desencorajado pela reacção do parceiro) prosseguir com uma sequência normal de investigação de cheleme, *ou* mostrar directamente a ambição de cheleme, em particular por meio de um *splinter* (por exemplo, numa sequência como: Passe - 1♥ - 2♣ - 4♣).

Há ainda uma voz que merece um comentário particular. É, no caso da abertura em 1♠, o rebide de 2♥, na sequência Passe - 1♠ - 2♣ - 2♥. A voz tem a particularidade de estar disponível ainda abaixo de 2 no trunfo. Repare-se que numa sequência de apoio simples (1♠ - 2♠) não se tem possibilidade de investigar partida sem elevar o nível do leilão. Mas na sequência anterior, nada invalida que possamos ter o luxo de usar 2♥ como voz de ensaio "normal" a copas (com o significado habitual de uma voz deste tipo), havendo o "bónus" de ainda ser possível uma desistência ao nível 2. É um caso de excepção, que só ocorre na abertura em 1♠. (Uma alternativa interessante é usar esta voz de 2♥ para mostrar uma mão mínima ou sub-mínima mas *com tantas copas como espadas* – isto é, com um 5-5 ... ou, se o sistema comporta essa possibilidade, com um 4-4...).

Quando o abridor dá o rebide *negativo* de 2 no trunfo, pode o respondente continuar o leilão, fazendo "mais um esforço"? Há mãos que, não valendo uma abertura (em 1ª ou 2ª posição), ficam reavaliadas como tendo "força de partida" pela existência do fit. Por exemplo, com ♠D1064 ♥3 ♦RV97 ♣A982 passamos em 1ª posição, mas face a uma abertura em 1♠ em 3ª posição "apetece" marcar partida. Se começarmos por um Drury (o que, como veremos adiante, nem sequer é o mais indicado para uma mão deste tipo) e ouvirmos em resposta 2♠, devemos "baixar a bola" e passar?

A resposta a esta questão depende de vários factores. Em primeiro lugar e fundamentalmente, é necessário saber *quão fraca* pode ser a abertura do parceiro. É algo que deve estar bem estabelecido no seio da parceria, embora com variações decorrentes da vulnerabilidade e, obviamente, da posição – em quarta posição nunca se abre com mãos de "lixo". Se, nas condições verificadas à mesa, o nosso parceiro pode ter aberto com algo como ♠AV932 ♥RV4 ♦104 ♣654 (ou ainda menos...), insistir com um novo convite pode significar levar o contrato para o nível do cabide.

Por outro lado, é preciso ter presente se o parceiro dispunha ou não de uma voz para ter mostrado uma abertura "verdadeira, mas mínima" (como sugerido acima para a voz de 2♦).

E, finalmente, há uma questão essencial que é a do número de trunfos. A mão tricolor acima apresentada tem um valor acrescido, face a uma abertura em 1♠ no contexto de maiores de cinco cartas, precisamente pela existência do nono trunfo. Se a abertura não prometer cinco cartas, a avaliação não é tão positiva. Mas, pergunta o leitor, para que estamos para aqui a pensar em "ricos de 4" quando a esmagadora maioria dos bridgistas portugueses pratica "ricos de 5"?

5. Número de trunfos.

A verdade é que muitos jogadores de competição, embora praticando um sistema à base de maiores de cinco, admitem a possibilidade de abrir num (bom) maior de quatro cartas em terceira posição (e mesmo em quarta). A abertura em naipe maior é, por natureza, mais incómoda para os adversários. (Um facto sintomático é o de o "*Bridge World Standard*", sistema de base adoptado pela revista americana "*The Bridge World*" com base na votação de um leque alargado de "*experts*", preconizar desde longa data este tipo de abertura, embora o sistema seja à base de maiores quintos).

Em todo o caso, as condições em que uma tal abertura é seleccionada são relativamente estritas:

- Abertura mínima ou sub-mínima (com uma boa abertura não há razão para se desviar da abertura normal em menor);
- Naipe de boa qualidade.

A última condição é importante, não só por uma questão de indicação de saída caso o adversário arrebate o leilão, mas principalmente porque o parceiro não irá deixar de mostrar um apoio de 3 cartas, quer seja por um *Drury*, quer por um apoio simples, com uma mão menos forte. Se, em consequência, se aterrar num contrato em fit de 7 cartas, é desejável que o naipe seja "bem estofado".

Para permitir clarificar melhor o grau de fit existente, surgiu mais uma variante, que é a do chamado "*two-way Drury*", ou, se quiserem, "*Drury a duas vias*". Consiste ela em ter não uma mas sim *duas* vozes artificiais de apoio:

- 2♣ com um apoio de *exactamente 3 cartas*;
- 2♦ com um apoio de *4 cartas ou mais*.

Nesta variante, ficando o abridor desde logo informado sobre o grau de fit existente, já o respondente pode tranquilamente passar sobre o rebide de desistência, sem o problema de consciência de "não ter feito justiça à mão". Quer o abridor tenha apenas 4 cartas (caso em que, como vimos, está forçosamente mínimo), quer tenha 5 (ou mais), o conhecimento deste grau de fit fornece-lhe elementos de avaliação importantes não só em termos construtivos, mas também em termos de decisão competitiva sobre uma eventual reabertura do leilão pelos adversários.

A desvantagem, por outro lado, é óbvia: perde-se o significado natural da resposta de 2♦. Claro está, para quem já perdeu (ao optar pelo Drury) a voz natural de 2♣, esta segunda perda apresenta-se como menos traumática. Seja qual for a "solução" que se adoptava para obviar à lacuna do 2♣ (começar por 1ST em estilo "*Don't worry, be happy*", ou usar o salto directo para 3♣), ela pode ser naturalmente estendida à do 2♦ (com o mesmo 1ST, ou com o salto para 3♦).

Se se adoptar o "Drury a duas vias", sobre a voz de 2♦ já há menos um nível de rebide por parte do abridor. Na sequência Passe - 1♥ - 2♦, a única voz para mostrar uma abertura (sub-)mínima é 2♥, sem possibilidade quaisquer *nuances*. No caso de Passe - 1♠ - 2♦, ainda existe o nível intermédio de 2♥ abaixo da desistência em 2♠. A utilização a dar ao mesmo deve ficar definida pela parceria, dentro das hipóteses já aqui aventadas: *ou* uma voz de ensaio económica em copas, *ou* uma mão de abertura "verdadeira mas mínima" (usar a voz para mostrar *naipe* de copas já tem menos interesse quando se localizou um fit de 4 cartas em espadas).

6. Outras vozes de fit.

Seja qual for a versão do Drury que se adopte, há que ter presente que existem *outras* possibilidades de uma mão passada mostrar um (bom) fit no naipe do abridor. As "candidatas naturais" para este efeito são as vozes em novo naipe com salto.

Classicamente, uma mudança de naipe em salto dada por uma mão passada mostrava um (bom) naipe longo numa mão próxima da abertura. Hoje em dia este tipo de utilização tende a cair em desuso, e com uma certa razão. Uma mão que não abriu continua a não ter grande razão para "começar aos saltos" – *a não ser que a abertura do parceiro tenha permitido localizar um fit*, permitindo uma reavaliação pela positiva.

A tendência moderna é usar estas vozes para mostrar um certo tipo de mãos fitadas. No "mercado" existem várias opções em oferta, das quais passo a apresentar as mais significativas.

Uma possibilidade, para quem joga apoios Bergen (3♣/3♦ para mostrar um apoio de 4 cartas ou mais e 7-9/10-12 pontos, respectivamente), é continuar a utilizá-los mesmo por mão passada. Não me parece a solução mais adequada, principalmente face à alternativa de usar o "*two-way Drury*" (que permite mostrar o fit de 4 cartas sem colocar o leilão ao nível 3), e pior ainda se se admitir a abertura em naipe de 4 cartas.

Parece-me mais interessante usar este tipo de vozes para uma descrição *mais específica*. Uma alternativa que goza de alguma popularidade é a utilização de *mini-splinters*. Por exemplo, na sequência Passe - 1♥ - 3♣, a última voz mostra uma mão com um fit de 4 cartas ou mais a copas e um singleton a paus, com força de convite a partida.

Outra hipótese, também frequentemente adoptada (e de certo modo *oposta* à anterior), é usar essas vozes para mostrar um *bom naipe lateral*, também numa mão com fit de 4 cartas ou mais no naipe aberto. Por exemplo, com ♠D1064 ♥3 ♦ARV97 ♣982, a voz a dar (após passe) em resposta a abertura em 1♠ seria, neste contexto, 3♦.

Qualquer destas alternativas é interessante, fornecendo ao abridor bons elementos de avaliação. Se se quiser, com um pouquinho mais de "ciência", juntar o melhor dos dois

mundos, pode fazer-se uso de uma outra voz que também pode ser "libertada" para uma utilização artificial: a voz de 2ST. Como já vimos, não é necessário utilizar esta voz para mostrar cerca de 11 pontos balançados.

Uma possibilidade é usá-la para mostrar um *(mini-)splinter indeterminado*: mão de apoio com 4 trunfos ou mais e uma curta (geralmente singleton, eventualmente chicana) em naipe ainda não esclarecido. Sobre esta voz, o abridor pode: desistir em 3 no trunfo, quando quer rejeitar o convite independentemente do naipe da curta; concluir em partida, quando aceita o convite também independentemente dessa questão; e inquirir sobre qual o naipe da curta, quando e só quando isso seja determinante para a avaliação do potencial combinado das duas mãos (em termos de partida, ou mesmo de cheleme).

O pedido de esclarecimento de qual o naipe do singleton (ou chicana) teria de ser feito *no step seguinte*, ou seja, em 3♣. No caso da abertura em espadas, o esquema é perfeito: após Passe - 1♠ - 2ST - 3♣, o respondente daria 3♦ com curta a ouros, 3♥ com curta a copas e 3♠ (por exclusão de partes) com curta a ♣. Mas no caso das copas é fácil concluir que "falta um nível".

O remédio para esta imperfeição requer mais uma pequena ginástica. Trata-se de, no caso da abertura em 1♥, utilizar a voz de 2♠ para mostrar o *splinter indeterminado* – e, por permuta, atribuir a 2ST de uma mão fitada a copas com um bom naipe de espadas. Sobre a voz de 2♠, o *relais* para perguntar a curta já poderia ser em 2ST e agora já existem os 3 níveis necessários para descrever as 3 curtas possíveis, sem ultrapassar 3 no trunfo: 3♣/♦/♥ = curta a ♣/♦/♠.

É óbvio que um esquema destes não é para uma parceria ocasional, dada a artificialidade que envolve. Mas tem as vantagens de:

- Não inviabilizar as vozes do tipo "naipe + fit", que podem ser muito úteis em termos de avaliação de partida ou de cheleme;
- Permitir que a localização do singleton (ou chicana) seja feita *apenas quando necessário*. Nos casos (e muitos serão) em que a recusa ou aceitação do convite a partida seja *automática*, já agora usufrua-se da vantagem de não ter descrito infrutiferamente o jogo em benefício dos adversários.

7. O Drury em competição.

Se o adversário à esquerda do abridor intervier no leilão, deve ou não manter-se a utilização do Drury (quando possível)?

A priori, diria que não. Se a intervenção tiver sido em naipe (o que quase sempre inviabiliza qualquer veleidade de utilizar um 2♣ Drury, à excepção do caso da intervenção em 1♠ sobre 1♥), a maneira de indicar uma mão fitada com força de convite é fazer um *cue-bid* no naipe da intervenção. No entanto, por isso obrigar o leilão ao nível três, idealmente dever-se-ia reservar essa voz para um apoio de 4 trunfos ou mais. Com um fit de apenas 3 cartas, considerar a alternativa (não perfeita, bem entendido) de fazer um dobre *negativo*.

Sobre uma intervenção em 1ST, uma mão com força para um Drury sente naturalmente a tentação de *dobrar*. Mas atenção: não esquecer que o parceiro pode ter uma abertura

fraca, ou mesmo muito fraca quando em vulnerabilidade favorável. Um dos custos de abrir fraco é, neste tipo de situação, inibir o parceiro de aplicar um dobre que poderia ser bastante lucrativo. Em todo o caso (dobre-se ou não...), o que não faz muito sentido é manter 2♣ como Drury nesta situação.

Finalmente, sobre uma intervenção em *dobre*, é também de admitir, salvo combinação expressa em contrário (que não seria descabida, aliás), que o Drury *deixa de ter aplicação*. Com uma mão "de Drury", dispõe-se das alternativas do *redobre* (que não promete mas também ao nega um fit de 3 cartas) e eventualmente de 2ST, se se quiser manter o significado habitual de um apoio *Jordan*, com um fit de 4 cartas ou mais. Por outro lado, muitos pares adoptam têm vindo a adoptar, sobre um dobre de chamada adversário, mecanismos artificiais para distinguir a força e o número de cartas das mãos de apoio. É frequente haver equívocos sobre o significado das vozes quando o adversário interpõe um dobre de chamada, e ainda mais quando a situação é de mão passada como temos vindo a analisar. É essencial, para evitar desastres, numa situação como esta o par saber *o que é que prevalece* em termos de sistema. Prevalece o sistema habitual de defesa contra o dobre, independentemente de o respondente estar passado? Prevalece o sistema habitual de respostas por mão passada, independentemente do dobre? Ou aplica-se um sistema "híbrido"?

Diferentes opções nesta matéria são possíveis e razoáveis. O que não é razoável é um par *não saber o que é que está combinado*. É preferível ter uma combinação cujo principal mérito seja a simplicidade (como por exemplo: "ignora-se o dobre", mantendo-se o Drury e outras vozes de mão passada), do que chegar à mesa e não saber "em que linguagem" está o parceiro a leiloar.